

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ALICE HOFFMAN



O MUNDO QUE CONHECÍAMOS

À beira da Segunda Guerra Mundial, com o controlo nazi a apertar sobre Berlim, a coragem e o amor de uma mãe oferecem à filha uma oportunidade de sobreviver



— Podes então dizer-me o caminho.
Procurar-te-ei...

— Sim, podes fazê-lo — disse —, mas não há forma de lá chegar. Fica a leste do Sol e a oeste da Lua, mas nunca darás com o caminho certo.

Leste do Sol, Oeste da Lua

Os estrangeiros que vivam entre vós serão como iguais, pois bem sabeis o que sente o estrangeiro, vós, que o fostes em terras do Egito.

Êxodo 23:9



PRIMEIRA PARTE

1941-1942

CAPÍTULO 1

A LESTE DO SOL

Berlim, primavera de 1941



Quem não acreditar no mal fica condenado a viver num mundo que nunca compreenderá. No entanto, acreditando nele, poderá ver o mal por toda a parte, em cada cave, em cada árvore, pelas ruas que conhece e pelas ruas em que nunca esteve. No mundo que conhecíamos, Hanni Kohn via o que tinha diante de si. Tudo faria para salvar os entes queridos, fosse certo ou errado, permitido ou proibido. O marido, Simon, fora assassinado numa tarde de inverno, durante uma arruaça no exterior do Hospital Judeu, na Iranische Strasse, que, milagrosamente, ainda estava a funcionar, apesar das leis contra os judeus. Passara a tarde a salvar a vida a dois pacientes, a tratar um problema de circulação sanguínea que tinham no coração. E então, pouco depois das quatro, enquanto caía uma chuva ligeira, fora morto por um bando de rufias. Arrancaram-lhe do dedo a aliança e dos pés as botas. Não permitiram que a mulher fosse ao cemitério enterrá-lo; ao invés, os seus restos mortais foram usados para alimentar animais. Hanni rasgou a roupa, como a tradição ditava; tapou os espelhos de casa e assumiu o luto, com a mãe e a filha, durante sete dias. Entretanto, o Dr. Simon Kohn salvara 720 almas. Talvez no dia em que deixou o *Olam HaZah*, o mundo em que nos deslocamos todos os dias quando estamos vivos, aqueles que haviam sido salvos estivessem à sua espera no *Olam HaBa*, o Mundo Vindouro. Talvez o tratamento ali recebido, aos olhos de Deus, tenha sido aquele que realmente merecia. Quanto a Hanni, não havia espaço suficiente no mundo para a dor que sentia.

Em Berlim, o mal surgiu lentamente e depois de forma absoluta e completa. As regras mudavam de hora a hora, as sanções pioravam, e o anjo de capa negra escreveu tantos nomes no seu Livro da Morte que não havia espaço para os que acabavam de partir. Todas as manhãs, as pessoas tinham de ler a lista de procedimentos, em constante mudança, para saberem o que estavam autorizadas a fazer. Os judeus não podiam ter animais de estimação, aparelhos de rádio ou telefones. Os representantes do centro comunitário judeu tinham passado há pouco tempo pelo bairro a pedir às pessoas que preenchessem impressos com os seus nomes e moradas, bem como uma lista de todos os seus pertences, incluindo a roupa interior, os tachos e as panelas, as peças de prata, os quadros que tinham pendurados, as camisas de dormir nas gavetas das cómodas, as almofadas e os anéis. O governo disse que tinham de o fazer para que se pudessem realizar registos atualizados dos bens num período de reorganização, sob o regime nazi, mas não era esse o motivo. Era fácil mentir a pessoas que ainda acreditavam na verdade. Apenas alguns dias mais tarde, todas as pessoas que haviam preenchido esta lista foram deportadas para um campo de extermínio.

À medida que os meses passaram, o mundo tornou-se mais pequeno, não muito maior do que a casa de alguém. Com sorte, um sofá, uma cadeira, uma divisão passavam a ser o mundo. Então, com o aproximar da primavera, as mulheres judias já não podiam andar na rua, exceto durante a hora que mediava entre as quatro e as cinco da tarde. Saíam todas de casa ao mesmo tempo, com as estrelas cosidas nos casacos, à procura de comida num mundo onde não havia comida, sem dinheiro para comprarem o que fosse, e, no entanto, demoravam-se no ar azul, assombradas pelas folhas novas nas árvores, surpreendidas ao descobrir que a primavera chegara de novo a esse mundo sombrio.

Nesse dia, Hanni estava entre elas. Mas não tentava comprar nada. Não fora a isso que o destino a conduzira. Numa questão de meses, Hanni tornara-se ladra. Estava convencida de que os seus

crimes não se ficariam por ali, e se as pessoas a quisessem julgar, que o fizessem. Tinha uma mãe acamada devido a uma paralisia e uma filha de doze anos chamada Lea, que era demasiado inteligente para a sua idade, como muitas das crianças nessa altura. Olhou pela janela e viu demónios nas árvores. As histórias que a mãe de Hanni lhe contara quando era criança eram agora contadas a Lea. Narrativas para quando as crianças precisavam de saber que nem todas as histórias tinham finais felizes. As raparigas eram enterradas debaixo de terra por homens maus, e os seus dentes erguiam-se, por entre a lama, e transformavam-se em rosas, despontando em ramos espinhosos. As crianças perdiam-se e nunca conseguiam encontrar o caminho de volta a casa, e as suas almas deambulavam pela floresta, a gritar pelas mães.

Chamavam *bobeshi* à avó. Nascera na Rússia, e nas suas histórias os lobos dominavam as florestas de neve, sabiam ludibriar os homens montados a cavalo que andavam com espingardas e que disparavam sobre tudo o que se movesse, inclusive sobre os anjos. Lea era uma rapariga tímida e inteligente, desde sempre a melhor da turma, quando a escola ainda estava em funcionamento e os judeus a podiam frequentar. Sentava-se junto da *bobeshi* enquanto a idosa lhe contava que, em rapariga, caminhava todas as manhãs até um ribeiro grande e correntoso para ir buscar água. Uma vez, um lobo preto aproximara-se dela, acercando-se tanto que conseguira sentir-lhe a respiração. Olharam um para o outro, e nesse momento sentira que o conhecia e que ele também a conhecia. Nas histórias que contava, um lobo poderia tê-la dilacerado, mas este voltara a correr para o meio das árvores, uma bela sombra negra com um coração a bater. Um lobo raramente ataca, dizia sempre a *bobeshi*; fá-lo apenas quando está ferido ou esfomeado. Apenas quando tem de sobreviver.

*

Hanni Kohn não era o tipo de pessoa que cedesse a demónios, embora soubesse que os havia a deambular pelas ruas. Por toda a parte havia *ruach ra'ah*, espíritos maus, e *malache habbala*, anjos da destruição. O marido salvara tantas pessoas que ela se recusara a acreditar que a sua vida não tinha significado nada. Significaria, decidira ela, que, acontecesse o que acontecesse, a sua filha viveria. Lea viveria e salvaria mais almas, e assim iria acontecer, sem parar, até que houvesse mais bem no mundo do que mal. Não podiam deixar que as coisas acabassem desta forma. Hanni não tinha outra hipótese senão sobreviver até que a filha estivesse a salvo. Descobriu jardins destruídos e escavou a terra em busca de cebolas novas e chalotas, com as quais confeccionou uma receita de família chamada «sopa das Tribulações», feita com couve e água, um prato que as sustentou enquanto outros morriam à fome. Saiu depois do recolher obrigatório para cortar ramos de arbustos no parque, para alimentar o fogão, apesar de produzirem um fumo pungente. Toda vestida de preto para se tornar invisível, aventurou-se no lodo do rio Spree, onde apanhou peixe à mão, apesar de estar a cometer um crime grave, punível com chicotadas, prisão e deportação. Os peixes deitaram o último suspiro nas suas mãos, e ela pediu desculpa por lhes tirar a vida, mas não havia alternativa, e fritou-os ao jantar. Hanni era o lobo, de uma família de lobos, e os lobos estavam esfomeados.

O plano era roubar na loja do alfaiate, onde antes trabalhara. Nos últimos anos de vida do marido, os médicos judeus não recebiam nada em troca do seu trabalho, e ela tornara-se costureira para prover à família. Era para ela um dom natural. Sempre cosera roupa para a mãe e para a filha, tudo feito com minúsculos pontos milagrosos que mal se notavam à vista desarmada. Mas agora todas as lojas judaicas tinham sido destruídas ou entregues aos cuidados de proprietários arianos. As únicas tarefas reservadas aos judeus eram trabalho forçado em fábricas ou campos; tinham de se esconder das rusgas policiais quando os soldados iam à procura de pessoas fisicamente aptas, porque esse tipo de trabalho se destinava

a desgastar os trabalhadores até os transformar em pó. Num tempo como aquele, não era difícil alguém tornar-se ladrão, bastava ter fome e coragem. Hanni decidira levar a filha consigo. Lea era alta e aparentava ser mais velha do que era; seria uma boa discípula na arte do furto. Compreendia as histórias da avó. Os demónios andavam pelas ruas. Usavam fardas castanhas, levavam o que queriam, eram impiedosos, mesmo que parecessem jovens. Por isso, Lea tinha de aprender a sobreviver. Devia ficar no beco enquanto Hanni ia à procura de tudo o que os saqueadores tivessem deixado para trás. Se alguém se aproximasse, deveria gritar para que a mãe fugisse da loja e evitasse ser presa. Ia de mão dada com a mãe e depois largou-a. Lea era apenas uma menina, mas isso já não importava. Sabia-o. «Sê um lobo», dissera-lhe a avó.

Estava à espera da mãe, pisando vidro estilhaçado, dissimulada nas sombras, enquanto aquela esquadrinhava a loja. Hanni sabia onde havia latas de chá e feijão guardadas para o almoço dos funcionários e onde era guardada a melhor fita de cetim e, se ainda não tivessem sido roubadas, onde o dono da loja escondia as escassas colheres de chá de prata herdadas de uma tia-avó.

Lea ouviu passadas fortes. A viela pareceu mais escura. Sentiu o impulso de fugir, embora lhe tivessem dito para não sair do seu lugar. Deveria chamar a mãe? Deveria assobiar ou gritar? Sentiu-se enregelada e estremeceu, como se tivesse recuado no tempo para dar consigo na aldeia da *bobeshi*. Antes de se conseguir decidir a se havia ou não de fugir, viu-o ali parado, um homem na casa dos vinte, um soldado do Exército alemão. Os seus olhos dirigiram-se para ela, e Lea encolheu-se sob o seu olhar. Na sua presença, Lea perdeu imediatamente a capacidade de falar. O homem era um demónio e arrebatara-lhe a voz, guardando-a dentro da sua mão. Sorriu num esgar, como se tivesse captado o aroma de algo delicioso, algo que não iria deixar escapar. Ninguém quer ser o coelho, parado no meio de um beco, pronto a ser devorado.

— *Beweg dich nicht* — disse-lhe. *Não te mexas.*

Era apenas uma rapariga, mas o soldado via-a não apenas por quem era, mas por quem viria a ser. Para ele, isso bastava. Passou-lhe a mão pelo cabelo louro e comprido. Nesse preciso momento, ela tornou-se pertença dele. O rapaz não tinha de dizer a mais ninguém ou de a partilhar, ou até de pensar no que faria com ela depois. Era assim, pensou Lea. A armadilha era aquilo.

— *Schön* — disse e acariciou-lhe o cabelo. *Bonita*.

Um toque, e mudou-a. Era assim que a magia negra funcionava, sem lógica, sem causa. Somos uma coisa, e depois o mundo inter-vém e passamos a ser algo completamente diferente. Um medo amargo erguia-se dentro de Lea. Sem saber nada acerca do que os homens e as mulheres faziam, soube o que se seguiria. Sentira-o quando ele a tocara. Posse e desejo.

Quando o soldado lhe fez sinal para que o seguisse pela viela, ela já sabia que não iria com ele. Tremia e tinha a garganta a arder, como se tivesse engolido fogo. Não é fácil para uma rapariga enfrentar um demónio, mas obrigou-se a falar.

— A minha mãe mandou-me esperar.

O soldado agarrou em Lea pelos ombros e abanou-a. Sacudiu-a de tal maneira que os dentes lhe doeram e o coração lhe doeu. Pensou no pai a abrir os corações das pessoas e a voltar a montá-los.

— Estou-me nas tintas para o que a tua mãe te mandou fazer — disse-lhe o soldado.

Arrastou-a até ao fundo do beco e encostou-a contra a parede. Lea sentiu algo partir-se. Era um dente que se fendera dentro da boca. O soldado tinha uma arma debaixo do casaco. Se ela gritasse, receava que ele pudesse alvejar a mãe. Poderia destruí-las às duas. Pensou ver um homem belo no telhado, com um manto preto. Podia chamá-lo, mas... e se fosse nazi? Então apercebeu-se de que era Azriel, o Anjo da Morte, que, dizem, os mortais veem apenas uma vez na vida.

Antes de Lea conseguir pensar no que fazer, o soldado já lhe metera a mão debaixo da saia, puxando-lhe a roupa interior. Tinha

o coração a desfazer-se dentro do peito. Ele tapou-lhe a boca com a sua, e, por um instante, Lea não viu nada e não sentiu nada, nem sequer medo. O mundo desapareceu no escuro. Pensou que talvez fosse assim que a sua vida iria chegar ao fim. Entraria no Mundo Vindouro às escuras, com um soluço na garganta. Então algo se ergueu dentro de si. Preparou-se, afastando-se dele, quase escapando ao seu domínio. Ele não queria uma rapariga que desse luta. Nem sequer achava isso divertido. Tapou-lhe a boca com a mão e disse-lhe que até podia gritar, se quisesse, mas que ninguém a iria ouvir, por isso era melhor calar-se, caso contrário silenciá-la-ia. Agora pertencia-lhe.

— *Du kannst nie wegkommen. — Nunca conseguirás fugir.*

Foi então que ela lhe mordeu. Lea era o lobo das histórias da avó, era a rapariga que se erguia da escuridão, a flor no topo de um caule cheio de espinhos.

Ele rechaçou-a e depois agarrou-a de forma mais brutal, beijando-a com mais força, mordendo-lhe os lábios para que soubesse que não passava do seu jantar. Apalpou-lhe o corpo como se fosse dono dele, indo mais longe, até ela chorar. Tudo se passava demasiado depressa; um turbilhão descera sobre eles, e o ar cheirava a fogo, ardia à sua volta. É algo que acontece quando o Anjo da Morte anda por perto, aquele anjo tão brilhante que é difícil olhá-lo de frente.

Lea pensou que aquilo nunca iria acabar, mas o soldado vacilou subitamente para a frente, caindo sobre ela com todo o seu peso, tão pesado que pensou que poderia fazê-la cair. Mas antes de ambos tombarem no chão, a mãe puxou-a. Então, o soldado caiu como uma pedra num regato, estatelado no cimento. Era o seu sangue que cheirava a fogo. Uma grande quantidade cobria o chão, derramando-se sobre os seus sapatos. O anjo no telhado ceifara o que viera buscar e desaparecera lá em cima, como uma nuvem.

Hanni soubera exatamente o que fazer quando saíra da loja e vira o soldado com Lea. Não pensara duas vezes.

— Não olhes — disse a Lea.

Lea fazia sempre o que a mãe mandava, mas não nesse dia, não nesse momento. Era outra pessoa. A pessoa em que ele a transformara.

Lea viu a mãe tirar a tesoura com que apunhalou as costas do soldado. A camisa deste começava a ficar negra de sangue, e os seus olhos tinham mudado de cor. Nas histórias, era possível dizer quem era humano e quem não era. Mas ali, na sua cidade, era impossível distingui-los. Um demónio podia parecer um homem; um homem podia fazer coisas impensáveis.

Lea e a mãe correram de mãos dadas, desaparecendo entre a multidão de mulheres tão concentradas em arranjar comida para as famílias que nem repararam no sangue na bainha da saia de Hanni ou no líquido escuro e pegajoso nos seus sapatos. Primeiro deixaram pegadas, mas o sangue foi-se dissipando, tornando-se quase transparente, e depois desapareceu. Quando chegaram ao edifício onde viviam, enfiaram-se lá dentro, ainda tentando recuperar o fôlego. Havia famílias a viver no átrio, desalojadas de bairros mais opulentos onde os alemães as haviam expropriado das casas. De noite, as pessoas batiam-lhes à porta a pedir comida. Hanni fazia sopa das Tribulações uma vez por semana e deixava tigelas lá fora, no corredor, para os carenciados, mas nunca chegava.

Subiram os três lanços de escadas, passando por cima de estranhos, com toda a pressa. Ao entrarem no apartamento, Hanni trançou a porta, e o feitiço da noite quebrou-se. Assassinara uma pessoa, e a filha assistira. Despiu rapidamente a saia ensanguentada e pegou de seguida numa tesoura afiada para cortar o tecido em pedacinhos minúsculos, que queimou no fogão. Lea não conseguia deixar de pensar na forma como o soldado a agarrara, com tal violência que pensou que as costelas iriam quebrar-se. Esperava que, algures na viela, o seu dente florescesse numa roseira e que todos os homens que tentassem colher uma das flores ficassem com a mão cheia de espinhos.

Longe da vista da mãe, Lea pegou na tesoura e percorreu o corredor até à divisão onde guardavam a roupa. Sentou-se no chão, no escuro, como se pairasse entre mundos, com o coração ainda

a doer. Se tivesse morrido, estaria com o pai; em vez disso, estava ali. Soubera-lhe bem morder o demónio. Desejava tê-lo cindido ao meio. Ouviu a mãe chamá-la, mas não respondeu. Nesse momento, Lea tinha a certeza de que tudo o que se passara fora por culpa sua. O seu longo cabelo louro fizera com que ele reparasse nela. Agarrou um punhado de cabelo e, com a tesoura ensanguentada, começou a cortar. Devia ter-se tornado invisível, nunca devia ali ter estado, devia ter chamado a mãe, devia ter sido ela própria a matá-lo, devia tê-lo reconhecido como um demónio.

A mãe estava do lado de fora.

— Minha querida menina — chamou, mas Lea não respondeu. Por essa altura, já tinha o cabelo escadeado, curto como o de um rapaz. Quando Hanni abriu a porta para ver o que a filha fizera, reteve a respiração. O chão estava coberto de madeixas de cabelo, que brilhavam no escuro.

Hanni sentou-se ao lado da filha.

— A culpa é deles, não nossa — disse a Lea.

Os olhos dele eram azuis, mas depois encheram-se de sangue, e então desaparecera. Agora estava entre os demónios que se sentavam nas árvores, à espera de receber os inocentes e de os levar.

— Ele gostou do meu cabelo.

— Não foi por isso que aconteceu. Foi por causa da pessoa que ele era, não da pessoa que tu és.

Lea não respondeu, mas sabia a verdade. *A pessoa que eu era.*

Hanni pegou na mão da filha, grata por Deus lhe ter permitido entrar na viela com a tesoura na mão. Mas o que teria acontecido se não tivesse sido tão bondoso, e o que aconteceria da próxima vez? Todos os dias havia detenções, e no outono seguinte homens e mulheres e crianças seriam levados para a remota estação de Grunewald, onde entrariam para os comboios que os levariam rumo aos campos de extermínio, a leste.

Hanni reuniu as madeixas de cabelo que refulgiam no chão. Mais tarde, colocá-las-ia no parapeito da janela, para que os pássaros

as usassem para construir os seus ninhos. Mas, ao que parecia, não havia pássaros nas árvores. Era o dia em que todos haviam ascendido ao céu num bando de luz reluzente, abandonando a cidade. Já não havia ali nada para ninguém. A *bobeshi* não podia sair da cama, muito menos fugir de Berlim, e Hanni pretendia honrar o segundo mandamento. Não podia abandonar mãe. O problema era o tempo. Restava muito pouco. Todos os dias, grupos de pessoas eram levadas para a Grosse Hamburger Strasse, onde eram deixadas, sem saberem qual seria o seu futuro, num velho lar de idosos. Em breve seriam enviadas para a morte em comboios que partiam para reinstalar os judeus a leste.

Hanni sabia apenas que uma delas tinha de se salvar.

Nesse momento, decidiu enviar a filha para longe.

CAPÍTULO 2

O AJUDANTE DO MÁGICO

Berlim, primavera de 1941



A tia Ruth vivera mais de cem anos. Era tão velha que todos os que amara tinham morrido. Agora desejava juntar-se a eles. Todos os dias, preparava uma chávena de chá para o Anjo da Morte, mas Azriel nunca aparecia, mesmo que, mais cedo ou mais tarde, tivesse de transpor a sua porta. Não podia viver para sempre, apesar dos seus dons de vidente e curandeira. As pessoas acreditavam que a sua sabedoria era herdada. O pai fora rabino na Rússia e era tão instruído que lhe chamavam *o Mágico*. O marido, também rabino, recebera o nome de *Ajudante do Mágico*. Estes homens estudavam o *Zohar*, O Livro do Esplendor, que aprofundava os mistérios sagrados. Desde os tempos de Salomão, atribuíra-se a feitiçaria aos judeus, apesar de a Torá a condenar, excetuando um certo tipo de magia, autorizado desde o início, que usava os nomes místicos de Deus e dos anjos. O acesso a estes estudos era recusado às mulheres, mas Ruth conseguira aprender bastante enquanto cosia as indumentárias dos homens, lhes cozinhava o jantar e ouvia os seus debates. Ruth cobria o cabelo com um lenço preto, que usava desde que perdera o marido. O seu fantasma encontrava-se deitado ao seu lado todas as noites, na cama pequena, mas, sempre que tentava alcançá-lo, desaparecia. A vida era assim mesmo, trágica e inexplicável. Quando somos novos, temos medo de fantasmas, mas, quando envelhecemos, chamamo-los para que se aproximem. Sabia que era impossível compreender totalmente o mundo que Deus criara, mas vivera com dois homens que dominavam setenta e dois

tipos de conhecimento, que estavam contidos nos setenta e dois nomes de Deus. Apesar de tudo o que testemunhara e de tudo o que perdera, ainda acreditava em milagres.

O pai, o Mágico, e o marido, o seu Ajudante, tinham acesso a livros de Espanha que revelavam o funcionamento interno do mundo conhecido através de uma geometria sagrada. O círculo, por exemplo, era uma forma perfeita que tinha o poder de proteger do mal. No século I a.C., um milagreiro chamado Honi Ha-Me'agel permanecera no interior de um círculo para chamar a chuva à terra ressequida. Ainda hoje, no dia do casamento de um casal, a noiva tem de andar num círculo à volta do noivo, tal como os que sofreram uma perda têm de rodear os túmulos dos mortos com um fio. Os números e as formas revelavam os mistérios do Universo e o nome sagrado de Deus, que numericamente representava o divino, e estava presente em todas as suas criações, incluindo a equação matemática de *pi*. Portanto, era através da pureza dos números que os rabinos tentavam compreender os milagres de Deus. Acreditava-se que toda a criação decorria do pensamento, da linguagem e da matemática.

Quando Hanni bateu à porta, Ruth conduziu a perturbada vizinha ao seu apartamento minúsculo e ouviu Hanni chorar, insistindo que tinha de mandar a filha para longe. Ruth não precisou de magia para ver o sangue sob as unhas dos seus dedos. Viviam-se, de facto, tempos terríveis.

Enquanto Ruth fazia chá, pensou no tormento de Hanni. Ruth sabia que o mal se podia abater sobre uma rapariga a viajar sozinha, especialmente naquela época, quando havia demónios a envergarem fardas militares em cada esquina. Ruth conhecia-os como *mazikin*, seres terríveis cuja obra era infernizar a humanidade. Tinham sido bem-sucedidos em Berlim. Os vizinhos não deram ouvidos a Ruth quando a polícia nazi começou a separar os judeus do resto

da população. Vira crianças e as mães de pé, na neve, implorarem por comida, enquanto os jornais imprimiam legendas por baixo de fotografias de homens de negócios e advogados e professores judeus que diziam: «São estes os animais. Conhece esta besta?»

Era assim que o mal falava. Depreendia sentidos deturpados; jurava que os bons eram maus e que os maus tinham vindo salvar a humanidade. Fazia renascer velhos medos e espalhava-os pela rua como pérolas. Para combater o que era perverso havia que recorrer à magia e à fé. Era a isso que se deveria recorrer quando não havia outra opção.

— O meu pai, uma vez, falou-me de um ser. — Ruth baixou a voz enquanto servia o chá. — O golem.

Continuou explicando que esta criatura monstruosa era feita de terra, mas impregnada de vida com a autorização de Deus e pela ação do homem. Criava-se um golem usando as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Fora mencionado pela primeira vez no Livro dos Salmos, não tinha alma, apenas *ruah*, a vida e a respiração dos animais. O Talmude afirmava que o próprio Adão era um golem até Deus lhe ter dado uma alma, porque se diz que uma alma é o que nos distingue de todos os outros.

— E para que me serviria uma coisa dessas? — quis saber Hanni.

— Não sabes o que um golem pode fazer? Pode usar a linguagem das aves e dos peixes, dizer as horas sem ter relógio e saltar de um telhado como um morcego. Pode ver o futuro, comunicar com os mortos, vencer os demónios. Pode dizer o dia e a hora da morte de uma pessoa. Pode falar com os anjos e viver entre eles. As suas ações não podem ser impedidas, a menos que seja mantido a dez cúbitos acima do chão, pois a essa altura torna-se impotente. Torna-se mais forte a cada dia que passa, de tal maneira que se pode revelar demasiado perigoso mantê-lo vivo. Esta criatura protegeu o nosso povo desde os primórdios. É provável que, para uma rapariga, não possa ser criado. Mas nunca se sabe o que é possível. Com um golem ao seu lado, a tua menina ficaria em segurança.

Ruth deu a Hanni a morada de um rabino que era famoso pelo seu conhecimento dos espíritos e da magia.

— O rabino vai recusar-se a falar contigo — avisou a tia Ruth.
 — Nunca ficará sozinho na mesma divisão com uma mulher que não seja a esposa. Tens de ir ter com ela. Talvez ela te compreenda, de mulher para mulher. É parteira. Talvez por isso tenha um coração compassivo. Mas, para o caso de não se compadecer, leva contigo algo de valor. Se tiver algum conhecimento, talvez a mulher possa ser subornada. Se quiseres um protetor para a tua filha, alguém que a siga até ao fim do mundo e que nunca a abandone, um golem é a única solução. E só a pessoa mais instruída pode usar os setenta e dois nomes de Deus para criar esse ser.

Hanni foi ter com a *bobeshi* e sentou-se ao seu lado, na cama. Todos os dias, desapareciam famílias inteiras. Da janela, a *bobeshi* via as pessoas usarem espelhos para comunicar com os vizinhos em código, planeando fugas.

— Guardámos o nosso tesouro para um momento de desespero — disse Hanni à mãe. — Esse momento chegou.

A *bobeshi* deu-lhe imediatamente a sua bênção.

Havia uma malinha por baixo da cama. No forro encontrava-se uma abertura que ninguém conseguia ver, embora Hanni soubesse que existia, mesmo no escuro. Fizera o corte e depois cosera a costura com pontos minúsculos, milagrosos, quase invisíveis. O marido dizia sempre que, se os tempos fossem diferentes, Hanni podia ter sido cirurgiã.

Enfiou a mão pela abertura para retirar as joias que tinham trazido da Rússia. O avô de Lea, um homem pobre, cruzara-se na floresta com um estranho que estava a ser atacado por lobos. O avô de Lea matara todos os lobos, sem saber quem estava a salvar. Amaldiçoara-se ao perceber que, afinal, era o proprietário da terra e arrependera-se das magníficas vidas selvagens que ceifara; sempre

sentira que os lobos eram seus irmãos. Ainda assim, transportou o amo sobre o ombro, até casa. Para o recompensar pelo que fizera, a mulher do proprietário tirara o anel de diamantes e os brincos de esmeraldas e colocara-os na sua mão enquanto ele esperava lá fora, na neve. «Nunca vendam estas joias pelo dinheiro», disse à mulher e à filha. «Quando chegar a altura e precisarem delas, não se esqueçam de que foram os lobos que nos salvaram.»

«[Um] hino ao poder da resistência, perseverança e amor duradouro em tempos sombrios... profundamente lindo... Hoffman, a contadora de histórias, continua a deslumbrar.»

The New York Times Book Review



Berlim, 1941. Durante a hora mais negra da Humanidade, três inesquecíveis jovens devem agir com coragem e amor para sobreviver.

Em Berlim, na época em que o mundo mudou, Hanni Kohn sabe que deve mandar embora a filha de doze anos, para a salvar do regime nazi. O desespero leva-a até Ettie, filha de um rabino, cujo tempo passado a bisbilhotar junto do pai lhe permite conceber uma criatura judia mística, um *golem* raro e incomum que jura proteger a filha de Hanni, Lea. Depois de Ava ganhar vida, ela, Lea e Ettie ficam eternamente unidas, os seus caminhos predestinados a cruzar-se, os seus destinos ligados.

Lea e Ava viajam de Paris, onde Lea encontra a sua alma gémea, para um convento no Oeste de França, conhecido pelas rosas de prata, chegando a uma escola numa aldeia situada no topo de uma montanha onde três mil judeus foram salvos. Enquanto isso, Ettie permanece escondida, à espera de se tornar a lutadora que está destinada a ser.

Num mundo onde o mal pode ser encontrado em cada esquina, surgem personagens extraordinárias que nos levam numa jornada impressionante de perda e resistência, entre o fantástico e o mortal, num lugar onde todos os caminhos conduzem ao Anjo da Morte e o amor não tem fim.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

sumadeletrasportugal

ISBN 9789897845000



9 789897 845000 >